



LUÍS ENE

mil e uma  
pequenas histórias

volume I

mil e uma  
pequenas histórias  
volume I



LEITURASCOM.NET

mil e uma  
pequenas histórias  
volume I  
(um diário mínimo)

LUÍS ENE

Faro 2005

Estas pequenas histórias foram publicadas originalmente  
no blogue mil e uma pequenas histórias  
(<http://www.1000euma.blogspot.com>)

Título: 1001 pequenas histórias volume I  
Autor: Luís Ene  
Grafismo e paginação: estúdios leiturascom.net  
Revisão final: Inês Figueiredo  
© Luís Ene

Edição: pauloquerido.com Unipessoal Lda  
Rua Dr. Coelho de Carvalho n.º 10 R/C Dto  
800.233 Faro Portugal  
Email: [editor@pauloquerido.com](mailto:editor@pauloquerido.com)  
Website: <http://pauloquerido.com>

Impressão: Lightning Source, Reino Unido  
1ª edição: Janeiro de 2005  
ISBN: 972-99434-0-0  
Número de depósito Legal: 219400/04

Para todos os que escreveram  
comigo estas histórias



## Índice

Luís Ene e as pequenas histórias .....	9
Agosto 2002 .....	11
Setembro 2002 .....	23
Outubro 2002 .....	53
Novembro 2002 .....	84
Dezembro 2002 .....	113
Janeiro 2003 .....	132
Fevereiro 2003 .....	160
Março 2003 .....	187
Abril 2003 .....	204
Cento e oitenta e duas histórias depois.....	224



## **Luis Ene e as pequenas histórias**

Um dos mais instigantes desafios da criação literária, especialmente no gênero conto, é o de alcançar alta qualidade na concisão. Há, bem sabemos, escritores que necessitam de duzentas e cinquenta palavras para descrever um amanhecer chuvoso. Outros, entretanto, conseguem um resultado semelhante ou ainda melhor, servindo-se de dez palavrinhas em uma única oração.

Chegamos então ao ponto que faz toda a diferença: a habilidade artística de cada autor. Luis Ene, por meio de suas pequeninas e preciosas histórias, oferece-nos a tão rara concisão bem-sucedida. Cada conto propõe um jogo ficcional diferente, no qual o autor desdobra um tabuleiro mágico e movimenta as primeiras peças. Cabe ao leitor o prazer de concluir a partida, conforme seus próprios recursos imaginativos.

Com tal proposta interativa, fica provado que Luis Ene não subestima a capacidade de seus leitores. Aliás, o verdadeiro prazer da leitura é justamente o de mergulhar no sonho ficcional, não forma inercial, passiva, e sim colorindo-o com os matizes da nossa própria paleta mental.

Eis por que considero admirável a arte de Luis Ene: sua literatura não é apenas competente, mas também lúdica e generosa.

Dennis D.  
escritor e blogger brasileiro



## Agosto 2002

1. Naquele dia, tal como tantos outros, saí do escritório por volta das sete horas. Era ainda de dia e estava calor. Desci até ao parque e sentei-me numa das esplanadas em redor do lago. Pedi um gin tónico e bebi-o em pequenos goles metódicos. Pedi outro, bebi-o da mesma forma e deixei que os meus pensamentos flutuassem sem controlo. Foi só quando me levantei e me encaminhava para o carro, estacionado ali perto, que me apercebi que não sabia onde morava. E não se tratava de não conseguir dizer o nome da rua, ou da porta, e em que zona da cidade ficava mas sim, tão só e apenas, não ter a mínima recordação sobre o assunto. Em algum lugar havia de morar, mas onde? Sabia o meu nome, data de nascimento, filiação, estado civil, profissão — confirmei apressadamente o meu bilhete de identidade — mas não conseguia dizer a minha morada nem me lembrava de nada que me pudesse ajudar a descobri-la. Percorri os meus documentos mas nada encontrei. Estava a começar a perder o controlo. Entrei no carro e arranquei sem destino confiando nos meus instintos. Mas apesar de conseguir visualizar facilmente a cidade, com as suas zonas e as suas saídas, sentia-me perdido. No cruzamento da rua 5 com a rua 12 despistei-me e fui embater num poste de iluminação. Desmaiei. Retomei consciência muito tempo depois, mais precisamente doze anos depois. Os médicos mostraram-se muito preocupados mas eu assegurei-lhes que me sentia bem. Uma semana depois deixaram-me sair. Entrei no táxi e dei a minha morada ao condutor. Finalmente ia voltar para casa.

2. Na morte do velho filósofo os elogios fúnebres pareciam não ter fim. Dedicou toda a sua longa vida ao conhecimento de si mesmo – salientaram uns. Foi um homem sábio, possuidor de um conhecimento profundo – sublinharam outros. Abriu novos caminhos à filosofia humanista – afirmaram solenemente todos. Ninguém tinha dúvidas sobre ele, tinha sido um grande homem, o maior da sua geração, um exemplo para todos. Descerrada a lápide, coube ao morto a última palavra: “Fui não sei quem”, podia ler-se a dourado no mármore negro, na estrita obediência da sua última vontade. A multidão dispersou, num silêncio embasbacado, e só duas horas depois o mais velho e mais sábio de todos eles conseguiu proferir em voz baixa: grande cabrão!

3. O fenómeno foi primeiro sentido pelos políticos, que não lhe deram grande importância: era apenas uma palavra, uma palavra gasta e envelhecida. Quando as organizações de ajuda deram o alerta, o fenómeno tinha já atingido o seu pico e o processo era irreversível. No fim do ano, a palavra já não existia. Ninguém a conseguia dizer ou escrever e já não era possível ouvi-la ou lê-la. Não figurava nos dicionários e nenhum livro a acolhia. Só a sua ideia perdurava ainda como uma sombra vadia, referida como aquilo que se sabe mas não se consegue expressar. Era curioso ouvir o silêncio perfeito que se produzia quando alguém ousava pronunciar a palavra, interrupção branca no discurso, tão branca quanto a sua ausência imaculada na mancha negra do texto. Quando já todos se tinham esquecido dela, eis que a palavra voltou, ocupando o lugar que deixara. Foi recebida com estranheza e hostilidade. Qual o seu real significado? Que falta fazia? Não existiam já palavras de sobra? O Governo reuniu de emergência e concluiu pela necessidade de realização de um referendo para decidir se a palavra deveria ser suprimida e proibido o seu uso futuro, oral ou escrito. No dia marcado, logo após a abertura das urnas, os primeiros votantes constataram que a palavra tinha desaparecido dos boletins, facto que levou à pronta anulação do acto e arrumou definitivamente o assunto.

4. Trabalhava numa oficina e sentia-se bastante angustiado. Tomou então a decisão de largar tudo e fazer uma longa viagem em busca de si mesmo. Por todos os lugares que passou perguntou por si, mas a resposta foi sempre a mesma: não sabemos quem é. Muitos anos depois, regressou ao ponto de partida, ainda sem saber quem era. A vizinha do 3.º B não teve dúvidas e saudou-o pelo nome. Sérgio sentiu um imediato e intenso alívio, a sua busca de si terminara mesmo.

5. Anunciou aos jornalistas que já tinha o título e ia escrever um livro. Quando lhe perguntaram se não tinha medo que fosse apenas mais um livro, respondeu que já tinha o título e ia escrever um livro. Quando lhe perguntaram qual ia ser o tema do livro, respondeu que já tinha o título e ia escrever um livro. Quando lhe perguntaram a que público se dirigiria o livro, respondeu que já tinha o título e ia escrever um livro. Quando lhe perguntaram qual era o título do livro, constatou que já não se lembrava. Ficou muito perturbada, era um título maravilhoso, mas isso não a impediu de se lançar ao trabalho. Um ano depois tinha escolhido um novo título e anunciou aos jornalistas que já tinha o título e ia escrever um livro.

6. Perdeu-se de si mesmo na multidão que, em sinal de protesto contra o novo agravamento dos impostos, enchia a praça defronte ao palácio do governo. Durante horas vagueou entre os manifestantes à procura de si mesmo. Em desespero e sem saber mais o que fazer, dirigiu-se a um dos polícias presentes, a pedir ajuda, e foi imediatamente espancado e preso. Um ano depois foi colocado em liberdade. Os amigos dizem que nunca mais foi o mesmo.

7. Levantou-se e permaneceu sentado, fechou o livro e continuou a leitura. Desde que se levantara da cama, manhã cedo, tudo lhe saíra ao contrário, sem que conseguisse, no final do dia, encontrar uma única explicação para tudo o que acontecera. Levantou-se e de novo permaneceu sentado, voltou a fechar o livro e leu-o até ao fim. Durante algum tempo pensou em tudo o que fizera nos últimos anos, a vida tinha-lhe corrido bem, a sorte nunca lhe tinha faltado, a sublinhar, é certo, opções correctas. Levantou-se e mais uma vez permaneceu sentado, fechou o livro e foi deitar-se, convencido de que amanhã seria outro dia e talvez tudo voltasse ao normal, afinal só a morte não tinha remédio. Nada disso, nada mas mesmo nada disso, adormeceu e nunca mais acordou, saiu-lhe tudo ao contrário, menos a morte, que é astuta e maliciosa e não gosta de contradições.

8. Era uma vez uma história que estava à espera de ser contada. Era a história dez milhões oitocentos e setenta e sete mil, trezentos e sessenta e cinco. Como a lista de espera era longa a história aborrecia-se. Fosse o aborrecimento de morte e nunca seria contada. Mas não foi o que aconteceu. A história esperou, esperou, esperou, e acabou por ser contada. Era uma história muito aborrecida, disseram os que a ouviram.

9. Avançou com confiança em direcção aos seus sonhos. Nem muito depressa nem muito devagar. Um avançar feito de avanços mas também de recuos e de pausas. Com confiança mas não sem dúvidas. Sempre mais além na direcção da linha do horizonte, onde os sonhos vivem, a confiança em si mesmo e nos sonhos alimentando um movimento perpétuo. Avançou, avança ainda e há-de avançar, sempre em direcção aos seus sonhos. Os sonhos, esses, estão-se nas tintas.

**10.** Um homem de 44 anos residente no Bairro do Pinhal, em Tavira, foi detido pela Brigada de Investigação das Actividades Anti-sociais por suspeita de crime contra a convivência e a paz sociais. A detenção foi efectuada com base numa denúncia, assinada por sessenta e três vizinhos e moradores do bairro, que afirmava viver o dito indivíduo praticamente fechado em casa e sem contacto com o exterior, excepto esporádicas idas ao mercado alternativo. Não recebia visitas nem falava com ninguém, mesmo quando interpelado. A busca ao seu domicílio revelou que não tinha televisão. Vários livros de poesia estavam espalhados pela casa, abertos, numa aparente desordem. O suspeito vivia ali há cerca de um ano, desconhecendo-se a sua anterior residência, amigos ou ocupação profissional.